



Casas envolvidas no projecto foram construídas no início do século XX



Projecto visa reproduzir o ambiente de casas macaenses dos séculos XVIII e XIX

PROVEDOR RECUSA FAZER NOVAS DILIGÊNCIAS JUNTO DO GOVERNO

Santa Casa “cansada” de esperar por apoio para Casa-Museu Macaense

Ainda que não tencione desistir da Casa-Museu Macaense, António José de Freitas não vai voltar a tentar negociar com o Executivo os apoios prometidos para o projecto. O Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Macau considera que há “falta de vontade política” para a concretização de um processo que se arrasta há quatro anos

Inês Almeida

Um ano depois do Instituto Cultural (IC) se ter comprometido a canalizar apoio financeiro para o projecto da Casa-Museu Macaense Oriente-Occidente, na ordem dos 20 milhões de patacas, o provedor da Santa Casa da Misericórdia de Macau garante que não vai voltar a tentar encetar negociações com o Executivo. “Não vou mendigar mais. Nem eu, enquanto provedor, nem a instituição [Santa Casa]”, garantiu António José de Freitas em declarações ao JORNAL TRIBUNA DE MACAU.

“A instituição que giro é histórica e tem prestígio, é reconhecida pela sociedade e, para além disso, estamos a negociar com um Governo, o da RAEM, por isso, não estou para ficar mais à espera”, sublinhou, confessando estar “cansado” de tentar desenvolver o projecto desde 2011.

O Provedor da Santa Casa considera que “se as coisas são para se fazer, fazem-se”, sem ser necessário esperar vários anos. “Já esperei quatro anos por este projecto e estou cansado. Oxalá o meu sucessor um dia consiga accioná-lo”.

Embora assegure que a vontade de “contribuir” mantém-se, não só pela importância do projecto mas também pelo facto dos dois imóveis em questão, que a Santa Casa da Misericórdia possui na zona de São Lázaro, continuarão a degradar-se caso não sejam utilizados, António José

de Freitas espera alguma iniciativa por parte do Executivo.

“Hoje em dia, o espaço é muito caro em Macau, mas nós temos aquelas duas casas. A vontade mantém-se porque o projecto é bom para Macau, mas acabaram-se os contactos. Estamos à espera. A Santa Casa não vai tomar novamente a iniciativa de entrar em contacto com o Governo”, frisou o Provedor, acrescentando que o Executivo nunca se mostrou “contra” a criação da Casa-Museu Macaense. “Nunca disseram que não estavam interessados no projecto, apenas que era muito técnico”.

Falta “vontade política”

Para António José de Freitas, “há falta de vontade política” para a criação do museu. Após ter recebido dois pedidos da Santa Casa com vista à atribuição de apoio financeiro para a Casa-Museu, a Fundação Macau entendeu que, apesar de reconhecer que o projecto “poderá contribuir para a protecção do património cultural de Macau, exige “técnicas muito especializadas” para a sua concretização. Nesse sentido, a Fundação indicou que o apoio deveria ser solicitado junto das “entidades competentes” nessa área.

Agora, “as receitas do jogo estão a cair, os cofres do Governo estão mais magros e se calhar é isso que vão alegar”, antecipa o Provedor, acrescentando que, para além disso, “o Executivo está mais preocupado com o hospital novo, a Saúde e a habitação social”.

Ainda assim, o Provedor da

Santa Casa sustenta que “não há argumento nenhum” que justifique o adiamento ou cancelamento do projecto.

O mesmo responsável realçou ainda que a resposta dada pela Fundação Macau aos dois pedidos de financiamento para as obras de restauro dos espaços destinados à construção do museu foi “muito estranha”. “Custa a aceitar que o Governo diga isto [que o projecto é demasiado técnico] e que remeta para o Instituto Cultural, que não quer assumir o projecto. O Instituto Cultural disse que dava 20 milhões de patacas, mas não assume o projecto. As respostas não condizem”.

Em causa está também o facto de o Instituto Cultural nunca ter mencionado nas respostas dadas à Santa Casa da Misericórdia o facto da criação do museu ser uma questão demasiado técnica, como apontou a Fundação Macau.

Mostrando-se “muito magoado” com a estagnação do projecto, António José de Freitas afirmou ainda que as negociações iniciadas numa altura em que a tutela da Cultura era liderada por Cheong U - embora o então Secretário não tenha promovido qualquer contacto directo com a Santa Casa sobre o assunto - não vão ser transferidas para Alexis Tam, porque apesar do Governo ter uma nova constituição, “o Chefe do Executivo é o mesmo”.

Em Maio do ano passado, os responsáveis do Instituto Cultural tinham manifestado “grande vontade” em avançar com o



António José de Freitas lamenta “falta de vontade política” para a criação do museu

projecto, cujo orçamento deverá ascender a cerca de 60 milhões de patacas, segundo as últimas estimativas conhecidas, que incluem as obras de restauro e a aquisição do espólio. Ao abrigo da proposta Santa Casa comprometeu-se a participar com 20 milhões de patacas, verba necessária para garantir o espólio, cabendo ao Executivo a disponibilização dos restantes 40 milhões.

Os dois edifícios do Bairro de São Lázaro foram construídos no início do século XX, e, segundo o arquitecto Carlos Marreiros, autor do projecto para o local, têm valor arquitectónico mas necessitam de ser recuperados. O projecto visa reproduzir o ambiente

de uma casa macaense dos séculos XVIII e XIX, reconstituindo os espaços e as vivências típicas da época, incluindo salas de jantar, estar e de leitura, bem como uma pequena biblioteca.

Com uma área superior a 400 metros quadrados, as casas deveriam acolher também uma secção multimédia, um mini-café e um pequeno balcão para venda de lembranças e de obras de artistas locais. Por outro lado, para o espaço museológico da Casa-Museu Macaense está prevista a integração de peças e objectos de Vicente Jorge, Camilo Pessanha, Wenceslau de Moraes e outras personalidades macaenses ilustres.